

Imigração brasileira na Europa

Memória, herança, transformação

Organização: Katia de Abreu Chulata

IL SEGNO E LE LETTERE

*Collana del Dipartimento di Lingue, Letterature e Culture Moderne
dell'Università degli Studi 'G. d'Annunzio'*

DIREZIONE

Mariaconcetta Costantini

COMITATO SCIENTIFICO

Università 'G. d'Annunzio' di Chieti-Pescara

Brigitte Battel - Claudia Casadio - Mariaconcetta Costantini

Mariapia D'Angelo - Persida Lazarević - Maria Rita Leto

Lorella Martinelli - Carlo Martinez - Ugo Perolino

Marcial Rubio Árquez - Anita Trivelli

Atenei esteri

Antonio Azaustre (*Universidad de Santiago de Compostela*)

Claudia Capancioni (*Bishop Grosseteste University, Lincoln*)

Dominique Maingueneau (*Université Sorbonne*)

Snežana Milinković (*University of Belgrade*)

COMITATO EDITORIALE

Mariaconcetta Costantini - Barbara Delli Castelli

Elvira Diana - Luca Stirpe

I volumi pubblicati nella Collana sono stati sottoposti a doppio referaggio anonimo.

ISSN 2283-7140
ISBN 978-88-7916-970-7

Copyright © 2021

LED Edizioni Universitarie di Lettere Economia Diritto

Via Cervignano 4 - 20137 Milano

www.lededizioni.com - www.ledonline.it - E-mail: led@lededizioni.com

I diritti di riproduzione, memorizzazione e archiviazione elettronica, pubblicazione con qualsiasi mezzo analogico o digitale (comprese le copie fotostatiche, i supporti digitali e l'inserimento in banche dati) e i diritti di traduzione e di adattamento totale o parziale sono riservati per tutti i paesi.

Le fotocopie per uso personale del lettore possono essere effettuate nei limiti del 15% di ciascun volume/fascicolo di periodico dietro pagamento alla SIAE del compenso previsto dall'art. 68, commi 4 e 5, della legge 22 aprile 1941 n. 633.

Le riproduzioni effettuate per finalità di carattere professionale, economico o commerciale o comunque per uso diverso da quello personale possono essere effettuate a seguito di specifica autorizzazione rilasciata da: AIDRO, Corso di Porta Romana n. 108 - 20122 Milano
E-mail segreteria@aidro.org <mailto:segreteria@aidro.org>
sito web www.aidro.org <http://www.aidro.org/>

Volume pubblicato con il contributo
dell'Università degli Studi 'G. d'Annunzio' di Chieti-Pescara
Dipartimento di Lingue, Letterature e Culture Moderne

In copertina

Collage digitale dell'artista Agnese Purgatorio
della serie *Perhaps You Can Write To Me*, 2009
Courtesy Podbielski Contemporary

Videospagnazione: Paola Mignanego
Stampa: Logo

SUMÁRIO

In limine <i>Carlo Consani</i>	7
Da memória à transformação linguística. Heranças teóricas e linguísticas nos estudos sobre a imigração brasileira na Europa <i>Katia de Abreu Chulata</i>	11
Imigração Brasileira: empréstimos brasileiros ao português europeu. Memória, herança, transformação <i>Ana Bela Pereira Loureiro</i>	25
Reflexões sobre o ensino da variação linguística. O português para alunos brasileiros em Portugal <i>Audria Albuquerque Leal - Noémia Jorge</i>	41
Sujeitos entre-línguas em contextos de imigração. Questões de memória e herança linguística <i>Beatriz Maria Eckert-Hoff</i>	61
Uma opção didática funcionalista para o ensino do francês em contexto brasileiro <i>Fernanda Cristine Guimarães - Vânia Cristina Casseb-Galvão</i>	73
Metodologias ativas em PLE. Gamificação da série brasileira “3%” <i>Filipa Matos</i>	95
Lineamenti genetici della poesia italoфона di origine brasiliana contemporanea <i>Alessandra Mattei</i>	109
O Estatuto do Estudante Internacional. Incentivo ou barreira para os estudantes brasileiros no ensino superior em Portugal? <i>Katielle Silva - Jorge Malheiros</i>	125

Toponímia maranhense: diversidade cultural e linguística <i>Maria Célia Dias de Castro - Gisélia Brito dos Santos</i>	145
Lições do Rio Grande: concepções acerca da gramática <i>Graciele Turchetti de Oliveira Denardi - Lucas Martins Flores</i>	167
“Procuo minha mãe”: o fenômeno da adoção brasileira em Itália. Aspectos sócio-linguísticos <i>Mariagrazia Russo</i>	181
Figuração de personagens femininas em <i>Mamma, son tanto felice</i> <i>Helena Bonito Couto Pereira</i>	191
Sobre pessoas e lugares: as mulheres viajantes de Marina Colasanti <i>Kelio Junior Santana Borges - Giorgio De Marchis</i>	205
Uma anastomose entre os conceitos de autobiográfico e literatura diáspora. O exílio de Caetano Veloso na autobiografia <i>Verdade Tropical</i> <i>Tiago Ramos e Mattos</i>	223
Migração Brasil/Portugal: os brasileiros descobrem Portugal <i>Maria Irene da Fonseca e Sá</i>	241
Escrita traumática em Primo Levi. Experiência, testemunho e representação <i>Romilton Batista de Oliveira - António Bento</i>	257
Olhar inquisidor: a religião do brasileiro em romances portugueses do século XXI <i>Paulo Ricardo Kralik Angelini</i>	275
Noutro Porto 2: a religião como culto artístico <i>Ana Cristina Saladrigas - Elizângela Gonçalves Pinheiro</i>	293
Pertencimento, classe e gênero em narrativas de imigrantes brasileiros/as na Alemanha e em Portugal <i>Glauco Vaz Feijó</i>	313
Autores	331

“PROCURO MINHA MÃE”: O FENÔMENO DA ADOÇÃO BRASILEIRA EM ITÁLIA

Aspetos sócio-linguísticos

Mariagrazia Russo

DOI: <https://dx.doi.org/10.7359/969-2021-russo>

ABSTRACT

The phenomenon of children adopted by families from and living in different countries makes the relevance of studies on Heritage Language even more evident. This work provides some data related to the evolution of this type of adoption and its distribution in Italy; then, it illustrates three cases of girls from Brazil adopted as children by Italian families, who started, for different reasons and with different modalities, learning Portuguese at the university. The cases, approached in ways that considered the psychological attitudes of girls, highlight the importance of implementing language policies based on the cognitive, psychological and social role of the source language.

Keywords: adoption; inheritance language; linguistic policies.

O fenômeno da adoção de crianças vindas do Brasil, embora tenha diminuído nos últimos anos, continua a ser uma realidade presente e constante no território italiano. A “integração” destas pessoas em Itália resulta às vezes pouco acompanhada quer escolar quer familiarmente. O encontro entre a realidade acadêmica, destinada, em princípio, apenas à aquisição de competências, e alguns filhos adotivos, que no mundo universitário procuram as próprias raízes, torna a Universidade um lugar onde iniciar um percurso de conhecimento conquistado através da prática e da observação, assim como do estudo e da experientiação, ao fim de trazer à memória informações estratificadas e às vezes esquecidas. A língua restitui desta forma pedaços de vida e esperanças de reconstrução de um passado não apagado.

A Presidência do Conselho dos Ministros em Itália fornece cada ano estatísticas que dizem respeito à adoção internacional para colmatar um vazio informativo e difundir o conhecimento de um fenômeno que interessa e poderia interessar várias famílias¹.

Em 2017 pediram autorização para a adoção de menores estrangeiros 1168 casais. O ano anterior (2016) o pedido tinha sido de 1548 núcleos familiares. Desta forma entraram em Itália, em 2017, 1439 menores estrangeiros e em 2016 o número de 1872, sendo possível para as famílias adotarem mais do que uma criança: algarismos que evidenciam a dramática diminuição, num só ano, de 433 crianças, marcando como nestes últimos anos se tem vindo a registar uma diminuição constante de menores adotivos em Itália.

Em termos territoriais as adoções parecem interessar sobretudo o centro e o norte do país, com maiores pedidos em relação ao número de casais presentes nas regiões: em 2016 na Toscana (29,2 casais), na Ligúria (27,2), no Friul-Veneza Júlia (27) (tendo um número relevante também na Úmbria, na Emília, nas Marcas e no Molise). Pelo contrário, os valores mais baixos registam-se na Sicília (9,2), nos Abruzos (10,5) e na Sardenha (11,9). Os Tribunais mais ativos em relação à questão das adoções são os de Milão (168), de Veneza (148), de Roma e Florença (144). Em termos numéricos absolutos, sem calcular em relação ao número de casais presentes no território, tem um valor significativo a Lombardia (16% do total), seguida pela Campânia, Toscana, Lácio, Vêneto e Apúlia. Mas na Lombardia e no Lácio verifica-se também uma diminuição sensível do fenômeno em relação ao ano anterior (2015): -60% no Lácio e -58% na Lombardia.

Normalmente os casais não indicam países específicos dos menores: apenas um quarto dos casais encontra-se nesta situação (e um 5% com nominativo declarado), sendo pelo contrário o outro 71% aberto a qualquer tipo de proveniência da criança.

Os casais que pedem a adoção correspondem a 17,8 cada 100.000 casais em 2016 e 13,7 em 2017 (uma diminuição de 4,1). Os casais têm entre os 30 e os 59 anos de idade, aumentando cada vez mais o nível da idade média que atualmente é, pelos maridos, 46 anos e, pelas mulheres, 44. Para a maioria das leis internacionais os pais têm de ter pelo menos 16 anos de diferença com o filho adotado; além disso evidencia-se uma alta percentagem de menores cuja faixa etária é entre os 5 e os 9 anos, sendo destes o 60%

¹ Os dados, que aqui se referem, foram fornecidos nos Relatórios da Presidenza del Consiglio dei Ministri. Commissione per le Adozioni internazionali. Autorità centrale per la Convenzione de L'Aja del 29.05.1983.

rapazes. Um 12% é representado pelas crianças que ultrapassam os 10 anos e o 39% os que têm entre 1 e 4 anos, sendo, portanto, quase a metade dos adotivos entre os 5 e os 9 anos.

A maioria dos casais pedem apenas um menor (82% em 2016), o 15% prefere adotar dois menores ao mesmo tempo e o 3% mais do que dois.

Normalmente os casais possuem um nível cultural bastante alto: entre os homens 47% com o diploma de escola secundária e 42% com licenciatura; entre as mulheres a percentagem maior é de licenciadas (49%) e 47% com diploma de escola secundária. Em 2016, não se tem registado nenhum caso de casais sem título de escolaridade, sendo apenas 0,1% os que possuem apenas as escolas primárias (em Itália até aos 10 anos de idade); entre 10,7% (nos maridos) e 8,4% (nas mulheres) os que têm um diploma de ensino básico (em Itália entre os 11 e os 14 anos de idade). Os dados revelam, portanto, um nível de instrução bastante alto dos casais que pedem adoção em relação aos anos anteriores, não faltando casos cada vez mais frequentes de pedidos que provêm de pessoas ocupadas em profissões intelectuais, científicas e de qualificada especialização.

Quanto aos países, o Brasil encontra-se entre os primeiros 10 por número de crianças adotadas em Itália, classificando-se quer em 2016 quer em 2017 n.º 7.º lugar dos países para os quais foi concedida autorização à entrada em Itália com fins de adoção aos menores. Os países eram 44 em 2016 e 41 em 2017, tendo saído do horizonte da adoção em Itália Bósnia e Herzegovina, El Salvador, Cazaquistão, Mali e República Checa. Entram pelo contrário neste número as Honduras e a Costa do Marfim. Em 2016, o número maior de adoções registou-se de proveniência da Federação Russa (306 adoções registadas, que representava o 16% das adoções complexivas). No mesmo ano tiveram bastante êxito os países seguintes: Polónia (181), Colômbia (157), Índia (127), Vietname (125) e República da China (118).

A maioria das crianças adotivas provêm do abandono dos pais biológicos e apenas uma percentagem mínima (1%) são órfãos.

Pelo que diz respeito ao Brasil, daquela área provêm o 5% de todos os menores adotados em 2016 e a mesma percentagem respeitou-se também em 2017. Em 2016 entraram em Itália 97 brasileiros, cujo 55,7% é representado por rapazes, e em 2017 o número de 76, com uma diminuição, portanto, de 21 unidades. Desde o Brasil chegam crianças com, medianamente, 8 anos de idade num panorama etário entre os 5 e os 9 anos: a idade das crianças em geral foi crescendo ao longo dos anos, já que em 2000 a faixa etária era entre os 1 e 4 anos e ficou assim até 2007. A razão é devida ao facto da escolha social, tomada pelos outros países, de enviar para o estrangeiro cada vez mais crianças para as quais não se encontram condições de

acolhimento dentro do próprio país (e por esta razão, os mais adultos e às vezes os mais doentes).

As principais razões pelas quais se recorre às adoções é o problema da infertilidade dos casais (87%; sendo muito baixo o número de casais já com filhos biológicos - com um filho, 11%, ou mais de um, 2%), ou o desejo de dar continuidade a uma experiência inicial de acolhimento periódico.

As entidades autorizadas a realizar a adoção em Itália são atualmente 62, algumas das quais trabalham principalmente com o Brasil, embora nos últimos anos os países de destino tenham sido diferenciados.

Se antigamente a tendência era de manter escondida à própria criança, quanto mais possível, a sua proveniência, hoje em dia, pelo contrário, favorece-se o conhecimento das próprias raízes. Condições ideais do desenvolvimento psico-afetivo e físico da criança são a estabilidade, a continuidade e a confiança nas figuras paterna e materna que possam preencher o vazio que a criança inevitavelmente terá tido ao longo da sua primeira infância. Os traumas da vida anterior, mesmo se não ativa na memória, constituem um tecido sobre o qual o filho adotado vai construindo a sua própria vida, tentando reconstituir uma constante fragmentação do próprio eu². Ao crescer na percepção da existência de pais biológicos diferentes dos pais adotivos a pessoa começa um percurso, pensando que a reconstrução da própria história possa cicatrizar feridas.

Para este processo muitos filhos adotivos começaram a querer redesenhar o próprio passado através de uma procura de detalhes que poderiam dar acesso ao descobrir alguns pedaços da sua antiga existência. Na França, em 2002, pedir os papéis que diziam respeito ao próprio passado foi considerado possível e legal; no Reino Unido foi a partir de 2010; e em Itália a lei permite o acesso às próprias atas a partir dos 25 anos. Para ajudar as pessoas que procuram criar novamente o puzzle da própria vida nasceram algumas associações como Istituti degli Innocenti, ARAI, CIAI, etc. Antes de começar este percurso de procura de identidade biológica, os especialistas aconselham de ser acompanhados por pessoas competentes, porque as surpresas poderiam ser muitas: desde o descobrir a mãe no caminho da prostituição até à possibilidade de encontrar alguém que possa explorar a nova situação em termos financeiros.

Nas Universidades, o papel dos professores de língua de forma mais ou menos consciente está-se a tornar, ao lado de outros didaticamente já consolidados, o de re-constructores de identidades biolinguísticas. De facto, a experiência que pode ocorrer dentro da própria sala de aula é a de encontrar

² Cf. Brodzinsky 1990.

pessoas que através da aprendizagem da língua queiram recuperar o próprio passado. Às vezes esta necessidade é declarada, outras é implícita ou disfarçada. Por esta razão o próprio nível de investigação justificaria uma intervenção na pesquisa de dados e de ferramentas psico-didáticas que possam ajudar o próprio professor.

A recolha de experiências poderia, neste sentido, implementar uma maior capacidade de análise. Tendo conhecimento desta dupla exigência (a dos aprendentes que se podem encontrar numa situação como a até agora descrita, e a dos docentes que necessitam especificar o novo papel a adquirir), o percurso do professor de línguas estrangeiras será o de focar quer o ponto de vista do estudante no panorama da educação a uma língua de herança, quer o do psicopedagogo na tentativa de ajudar uma reconstrução de identidades em pessoas que disto estão à procura. É por esta razão que no princípio do ano peço sempre aos alunos que escrevam as razões que os levaram a escolher o português: as tipologias até hoje encontradas são variadas, mas o que interessa a este respeito são as declarações de alguns estudantes que, sem o dizer explicitamente, dão a perceber origens brasileiras como filhos adotivos.

O material que aqui apresento de forma sintética interessa três casos que encontrei ao longo do meu ensino do português como língua estrangeira: trata-se de três informantes de sexo feminino, no momento do encontro entre os 21 e os 24 anos, as três conscientes de serem filhas adotivas, com pais de adoção vivos (o pai da informante 1 morreu no seu segundo ano de curso, gerando outros problemas relacionados com uma segunda perda); só uma das três informantes vinda do Brasil com uma irmã (informante 3).

Enquanto as informantes 1 e 2 tinham consciência da sua brasilidade e explicitamente diziam que queriam estudar português, a primeira por curiosidade e a segunda para tornar a falar a sua língua de origem, a informante 3 teve um percurso de aproximação à língua portuguesa muito particular.

Mesmo visando averiguar o próprio desejo de descobrir a sua língua materna, a informante 1 (vinda em Itália com 6 anos de idade), no princípio não tomou propriamente a sério a sua recuperação das raízes, não pon-do em ação nenhuma particular estratégia de aprendizagem que trabalhasse com a memória do passado. A sua curiosidade parecia ter a ver mais com uma exumação de um cadáver, que a própria informante queria provavelmente deixar morto, do que com um ressuscitar o próprio ponto de partida para viver com mais consciência a sua vida atual. A sua posição perante aspetos linguísticos de Portugal e do Brasil, parecia quase sempre pôr em ridículo algumas facetas, quer da fonética, quer do léxico, quer da estrutura

gramatical (registrando alguns exemplos: as africadas no português do Brasil usadas quase sempre com sorriso sardônico; palavras, parecidas com o italiano ou com algumas formas dialetais, utilizadas de forma escarnecida – p. ex. *pressa/prescia* –; o uso de formas de tratamento, etc.). Sobretudo ao falar do Brasil em termos linguísticos e culturais a sua atenção parecia descer, pondo em causa o próprio corpo, bocejando e tomando atitudes de descontento, levantando-se da cadeira, mexendo no telemóvel, procurando outras coisas nos livros. Em particular em três momentos didáticos que normalmente os estudantes percebem como divertidos e interessantes, ela manifestou apatia e indolência: ao ouvir um samba lendo a letra, ao projetar imagens do Brasil descrevendo a situação, ao comer pão de queijo apontando para sabores e perfumes. Além disso, a sua pouca assiduidade inicial evidenciava mais um desejo por parte dos pais de fazer com que a filha conseguisse uma licenciatura (e por esta razão eles próprios foram buscar o que talvez a tivesse podido ajudar a encontrar uma posição no futuro), do que um desejo da própria filha que, além de uma curiosidade inicial, não manifestava particular interesse. Para trabalhar a este respeito, para despertar realmente a curiosidade num discente que, mesmo tendo declarado no princípio o elemento curiosidade depois rejeitava à aproximação a um mundo que já não lhe pertencia, foi necessário utilizar a técnica contrária à utilizada com os outros alunos: naquele caso, de facto, não valia a pena estar a falar positivamente e em termos eufóricos de uma realidade lusófona (quer portuguesa, quer brasileira) de que a própria informante tinha uma consciência disfórica. Pelo contrário, a técnica utilizada foi a de afastar a informante de qualquer tipo de ligação pessoal e passar a descrever a língua como um objeto que não lhe pertencesse. De forma que todas as vezes em que a informante 1 esteve nas aulas, a língua portuguesa e os seus aspetos multiculturais foram tratados dando relevo mais a outras áreas geográficas do que ao próprio Brasil. Em particular ao falar de África encontrei a chave para reabilitar a sua curiosidade, já que as suas verdadeiras origens remontavam de forma evidente, devido à cor da pele, parcialmente àquelas terras. O caminho para juntar novamente os pedaços da sua personalidade foi, portanto, o de percorrer um passado mais longínquo da sua vida estritamente pessoal (vida da qual evidentemente ela já se tinha afastado psicologicamente e que não queria retomar a considerar). “Pescando” nas antigas raízes históricas o próprio passado sem implicação direta, mas retomando uma linha sutil inicial, foi possível fazer com que ela recuperasse também o seu interesse pela língua, chegando a uma nota satisfatória para o seu percurso académico. A sua tese final, desta forma, inevitavelmente teve a ver com Angola e com a sua realidade linguística.

Acerca da informante 2 (vinda em Itália com 10 anos de idade) tenho que relevar as dificuldades de aprendizagem devidas, provavelmente, pelo que me comunicaram os pais, a um passado de menina de rua, e portanto de malnutrição e de alguns transtornos de natureza psicológica e social. Através da inscrição na Universidade os pais queriam que a filha continuasse uma situação de convivialidade, sem veleidades de chegar a obter para ela uma licenciatura. Embora eu não tenha assistido a todo o percurso da informante, a sua presença durante as aulas foi marcada por uma constante atividade baseada principalmente em pôr em relevo mais as qualidades e os passos à frente por ela dados do que as dificuldades e os erros a corrigir. A escrita muito frágil, com problemas a ser normativizada, foi compensada com uma incentivação constante a desenvolver os aspetos da oralidade, ajustando principalmente a comunicação interativa. Jogos com cartas que davam a possibilidade à estudante de prevenir a professora dizendo palavras que a informante já conhecia, assim como ouvir e repetir pequenos trechos no *YouTube*, ou voltar a contar umas histórias de fadas foram estratégias que valorizaram os aspetos da oralidade que lhe permitiram chegar a recuperar as lacunas da escrita e da leitura, sobretudo em relação à concordância nominal e verbal. De qualquer maneira, no fim do ano a informante 1 conseguiu melhorar na sua independência pessoal, adquirindo paulatinamente e desenvolvendo adequadamente a sua língua comunicativa, mantendo relações com os outros da turma, e aprendendo do seu país de origem informações que lhe aumentaram a sua bagagem cultural.

Quanto à terceira informante 3 ela apareceu na Universidade com a mãe adotiva que fazia perguntas como se fosse ela a querer aprender a língua. O desejo explícito da mãe, ainda não declarado, era o de sarar as feridas de uma filha à qual tinha dado tudo mas que depois de muitos anos em Itália ainda vivia o trauma do abandono inicial. A mãe parecia ser a protagonista da conversa e a filha não estava nada interessada no assunto de aprender a língua portuguesa. A mãe perguntava e eu respondia a quem me dirigia as perguntas: era uma investigação de tipo técnico – custo das propinas, horários dos cursos, qualidade dos professores, livros de texto... Quanto mais a mãe falava (claramente em italiano) para puxar a filha, tanto mais a filha ficava no seu silêncio. Certa altura passou uma outra aluna, cumprimentou-me em português e eu – que tinha percebido a situação na qual me encontrava – respondi evidentemente em português, trocando com ela algumas palavras (perguntei qual era a aula a que ia assistir, em qual andar e se se tinha lembrado de me devolver um livro que lhe tinha emprestado na semana anterior). A menina informante 3, até aí calada, levantou os olhos, pretísimos, e disse em italiano: “ma io ho capito” (eu percebi).

E eu respondi em português: “claro é a tua língua”, mesmo se até aquele momento ninguém me tivesse falado na origem da menina. A partir daí ela começou a fazer perguntas em italiano às quais eu respondia em português. Para ela foi uma surpresa enorme descobrir que o seu passado vinha fora da memória, que nem tudo estava esquecido e perdido, que um pedaço da sua vida passada ainda existia e podia regressar. Um passado feliz, que feliz não foi, mas que de qualquer maneira lhe pertencia e cuja recordação mítica aumentava o espaço em branco entre o passado e o presente.

Sem ninguém saber, a mãe voltou mais de uma vez a falar comigo para me explicar a inquietude que a filha tinha vivido durante toda a existência sem aceitar aquela condição de desarraigamento e que a sua irmã pelo contrário era uma pessoa extremamente calma e tranquila que nunca manifestara o desejo de regressar à vida passada. As duas tinham vindo com respetivamente 6 e 8 anos de idade, sendo a nossa informante a mais velha. Fiz várias perguntas à mãe em relação à especificidade do percurso escolar, onde se revelou que as duas foram ajudadas desde o princípio mas nunca através de intérpretes nem de alguém que soubesse a língua portuguesa; que desde o princípio foram afastadas da própria língua de origem sobretudo para evitar que não se integrassem na turma; que os pais não sabiam português mas que para e com as filhas estiveram duas vezes a passar férias no Brasil. Soube muitas coisas sobre a minha informante: coisas que evidentemente nunca poderiam ter saído numa conversa diretamente com ela durante uma sala de aula. A elaboração por parte da mãe do “luto” da sua própria infertilidade fez com que se abrisse às verdadeiras necessidades da filha em relação à procura de identidade, talvez para não ficar excluída de um circuito de afetividades da filha adotiva.

A atitude desta informante era de repetida surpresa, como se, a cada passo que se dava na gramática, ela recuperasse um pedaço de vida, evidentemente ainda muito vivo na recordação. A sua capacidade de aprendizagem não funcionava por competências que se iam adquirindo, mas em recuperação de pedra em pedra da sua memória. Notava-se no seu olhar a curiosidade de quem tem a consciência de não ter perdido tudo.

Dei-me então conta de como o meu trabalho para com ela (inserida numa turma de primeiro ano) não era de lhe ensinar ou de lhe dar competências, mas o de reorganizar um mundo mnemónico perdido, de reformar o eixo de uma existência desestruturada, de reconstituir um horizonte de espera, de formar de novo aquele percurso perdido, de reedificar um eu arrastado. Ao elaborar as mensagens, inseria nela intenções às vezes enfatizadas para remarcar fatores para ela essenciais na comunicação: tomar cuidado em fornecer um léxico rico também desde o ponto de vista

do mundo brasileiro, enriquecer sempre as aulas com vídeos em língua brasileira, dar leituras para casa diferenciadas, pedir trabalhos individuais com material personalizado. Através da língua, ela ia reconhecendo sons, ruídos, imagens, cores do seu passado vivencial, e – visto que nas minhas aulas também se come – sabores e cheiros. A sua memória implícita³ foi-se acordando. O processo de continuidade entre o antes e o depois, o dentro e o fora, vinha de qualquer modo recuperado através do elemento da língua.

A informante 3 frequentava o curso como exame livre, não tinha compromissos de outros cursos, vinha à faculdade só para português: fazia trabalhos em casa e tirava fotografias das notas que obtinha porque queria partilhar com os pais os seus sucessos.

Segunda etapa foi então uma reconstrução também familiar, porque ao recuperar o seu passado ia compreendendo melhor o presente. A língua funcionava para ela como o laço entre a realidade e a representação de uma história passada e inevitavelmente mitificada. A língua assumia para ela as funções de um regaço afetivo, no momento em que ela se tornava cada vez mais partícipe da interação. Uma língua que lhe tinha sido até aquele momento quase proibida tornava-se de repente uma chave para as novas portas da vida.

Depois de dois anos de curso, um dia apareceu no meu gabinete, falando em voz baixa como se estivesse a abrir um cofre: “Professora, procuro minha mãe, estou à procura da minha mãe”. Era a terceira etapa do seu percurso. Dirigindo-se a estas associações que ajudam a recuperar a própria identidade biológica, a informante 3 estava a agradecer por eu lhe ter incentivado o desejo de reconstruir as suas origens e ao mesmo tempo estava a pedir mais uma ajuda para dar mais um passo neste processo de reconstrução. Este percurso ainda está a ser ativado, mas de toda maneira para esta informante a língua teve a função de responder à dupla pertença: a de origem (o Brasil) e a de “aproamento”, de chegada (Itália) com a recuperação de todo o seu percurso vivencial.

A língua (língua como interação entre o corpo-físico e o corpo-memória)⁴ entrou neste caso de filha adotiva num jogo de percepção, de prazer e dor, tensão e escolha que durou três anos e que continua a manter ativa nela o desejo de não parar no seu percurso de reconstrução: a língua foi um lugar de encontro entre o velho e o novo, a chave que abriu o passado e que esperamos abra o seu futuro.

³ Cf. Artoni Schlesinger 2006.

⁴ Cf. Guerra Lisi - Stefani 1998.

Os três casos por mim tratados representam apenas um início de uma trajetória que seria importante trilhar para, através da recolha de experiências, delinear uma política linguística relacionada com a adoção:

- para incentivar os pais que começam um caminho de adoção a assumirem, com a decisão de dar uma casa e uma família a uma criança, o papel de continuadores de uma linha vivencial que mesmo com meninos muito pequenos nunca se pode cortar;
- para fornecer aos educadores (de todos os níveis escolares e acadêmicos) ferramentas psicopedagógicas adequadas para encaminhar os filhos adotivos a uma reconstrução da própria identidade;
- para alentar os filhos adotivos a não esquecer as próprias raízes, na consciência de que manter ligações com o passado ajuda a estabilizar o presente;
- para instruir as associações que trabalham com a recuperação dos pais naturais dos filhos adotivos na compreensão de que revitalizar a língua significa ao mesmo tempo revigorar o reencontro com o passado, para que este não seja um desencontro mas a revivificação da memória.

Necessita-se portanto cada vez mais de uma política linguística adequada para o mundo que rodeia os filhos adotivos, os quais necessitam remoçar a língua de herança para reconquistar a próprio tesouro que ninguém lhe roubou e cuja chave eles próprios já possuem num recanto do seu eu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Artoni Schlesinger 2006 C. Artoni Schlesinger, *Adozioni e oltre*, Roma, Ed. Borla, 2006.
- Brodzinsky 1990 D.M. Brodzinsky, “A Stress and Coping Model of Adoption Adjustment”, in D.M. Brodzinsky - M.D. Schechter (Eds.), *The Psychology of Adoption*, New York, Oxford University Press, 1990, 3-24.
- Guerra Lisi - Stefani 1998 S. Guerra Lisi - G. Stefani, *Globalità dei linguaggi. Manuale di musicoterapia*, Roma, Carocci, 1998.